

CONTRA ZOOLOGICOS¹

Dale Jamieson²

1. ZOOLOGICOS E SUA HISTORIA

Podemos começar com uma simples definição de zoológicos: eles são parques públicos onde são mostrados animais para o propósito de recreação e educação. Contudo antigamente eram mantidas grandes coleções de animais, não eram zoológicos neste sentido. Tipicamente estas antigas coleções não eram exibidas em parques públicos, ou mantidas para outros propósitos diferentes de recreação ou educação.

Os Romanos, por exemplo, mantinham animais como isca viva para os jogos. Seu entusiasmo para os jogos era tanto que até os primeiros tigres levados a Roma, presente para Augustos César de um governante indiano, iriam para arena. O imperador Trajan durou 123 dias consecutivos de jogos para celebrar a conquista de Dácia. Durante os jogos, onze mil animais foram sacrificados, incluindo, leões, tigres, elefantes, rinocerontes, hipopótamos, girafas, búfalos, renas, crocodilos e serpentes. Os jogos eram populares em todas as partes do Império.

¹ Título original: *Against Zoos*. In: 'In defense of animals'. SINGER, Peter (editor). New York: Basil Blackwell. 1985.

² Professor de Estudos Ambientais e Filosofia da Universidade de Nova Iorque.

Quase todas as cidades tinham uma arena e coleções de animais para colocar nela. Na França do século V, havia vinte e seis arenas que continuaram a triunfar até o final do século VIII.

Na antiguidade, os governantes mantinham grandes coleções de animais para mostrar seu poder, o qual eles demonstrariam em ocasiões em que destruiriam a coleção inteira. Isso aconteceu até 1719, quando Elector Augustos II de Desdren abateu pessoalmente toda sua coleção de animais selvagens, que incluía tigres, leões, búfalos e ursos.

Os primeiros zoológicos modernos foram fundados em Viena, Madri e Paris no século XVIII e em Londres e Berlim no século XIX. O primeiro zoológico americano foi aberto na Filadélfia e Cincinnati nos anos de 1870. Hoje somente nos Estados Unidos há centenas de zoológicos, e eles são visitados por milhões de pessoas todos os anos.

Os jogos romanos não existem mais, porém touradas e rodeios seguem a tradição. Nos dias de hoje, o poder de nossos líderes é amplamente demonstrado pelo seu comando em armas nucleares. Mesmo assim ainda temos zoológicos. Por quê?

2. ANIMAIS E LIBERDADE

Antes de considerarmos as razões pela sobrevivência dos zoológicos, deveríamos ver que há pressuposições morais contra manter animais selvagens em cativeiro. O que isto envolve, afinal, é retirar animais de seu habitat natural, transportá-los por grandes distâncias e mantê-los em ambientes estranhos nos quais sua liberdade é severamente restrita. É verdade que sendo retirados da selva e confinados em zoológicos, os animais são privados de muitos bens. Na maior parte, eles são privados de conseguir sua própria comida, desenvolver sua própria ordem social e geralmente se comportar de maneira que são naturais a eles. Essas atividades requerem significativamente mais liberdade do que muitos animais têm em um zoológico. Se tivermos justificativa em manter animais em zoológicos, deve ser por algum benefício importante só pode ser obtido desta maneira.

Essa conclusão não é propriamente de alguma teoria moral particular, ela segue de muitas teorias morais razoáveis. Temos deveres

com os animais ou não. Se tivermos deveres com os animais, certamente isso inclui respeitar aqueles interesses que são mais importantes para eles, contanto que não confronte com outros deveres mais rigorosos que possamos ter. Desde que um interesse em não ser retirado de seu habitat natural e ser mantido é muito importante para a maioria dos animais, deveríamos respeitar este interesse.

Supondo, por outro lado, que tivéssemos deveres com os animais. Há duas possibilidades: tanto temos deveres com pessoas que, às vezes, se importam com animais, ou que fazemos com os animais, o fazemos sem nenhuma importância. A última visão é um tanto falsa, e eu posso não considerar mais adiante. Pessoas, que têm tido a antiga visão, que temos deveres com as pessoas que se importam com animais, têm às vezes que tais deveres emergem porque podemos “julgue um homem pelo seu trato com os animais”, com Kant cita em “Deveres com Animais”. É por esta razão que ele condena o homem que atira em cão fiel que se tornou muito velho para servir. Se aceitarmos a premissa de Kant, é certo dizer que alguém que, sem uma boa razão, remove um animal selvagem de seu habitat natural e nega a ele liberdade, pode ser julgado alguém em que não se pode acreditar. Se assim, ainda não acreditarmos ter deveres com os animais, mas somente deveres que se importam com eles, podemos ainda assegurar que há uma presunção contra manter animais no cativeiro. Se esta presunção for superada, deve mostrar que há benefícios importantes que podem ser obtidos somente mantendo animais em zoológicos.

3. ARGUMENTOS PARA ZOOLOGICOS

Quais podem ser alguns destes benefícios importantes? Quatro são comumente citados: diversão, educação, oportunidade para pesquisa científica e ajuda em preservar espécies.

Diversão foi certamente uma razão importante para o aparecimento dos primeiros zoológicos e lembra uma importante função dos zoológicos contemporâneos. Muitas pessoas visitam zoológicos para se entreter e qualquer zoológico que quiser manter-se financeiramente, deve se apropriar a este desejo. Até os zoológicos mais visados, como o de San

Diego, tem seus ursos dançarinos e pássaros treinados. Mas mesmo garantindo divertimento para as pessoas, que é visto pelo público geral, como uma função muito importante no zoológico, ainda assim é difícil de ver uma justificativa em manter animais selvagens em cativeiro.

Muitos curadores e administradores rejeitam a idéia de que o propósito primeiro de um zoológico é divertir. De fato, muitos concordam que o prazer que temos em ver animais selvagens não é em si uma razão boa o suficiente para mantê-los enjaulados. Alguns curadores vêem as caminhadas dos bebês elefantes, por exemplo, como uma necessidade ruim, ou defendem tais diversões pelo seu papel na educação das pessoas, especialmente crianças. É dito, às vezes, que pessoas devem ter o interesse que elas têm nas coisas se eles forem educados para isto e divertimento mantém as pessoas interessadas, portanto faz com que a educação seja possível.

Isto nos leva a segunda razão em terem zoológicos: seu papel na educação. Esta razão é citada desde que os zoológicos existem. Em 1989, por exemplo, a sociedade de Nova York resolveu tomar medidas para informar ao público sobre o grande declínio na vida animal, para estimular o sentimento em favor de uma melhor proteção e para, cooperados com outros corpos científicos, assegurar preservação perpétua dos maiores vertebrados. Mesmo com apelos morais geralmente usados sobre o esforço educacional dos zoológicos, contudo, há poucas evidências que zoológicos têm sucesso em educar pessoas sobre os animais. No artigo de Stephen Kellert, intitulado “Parques Zoológicos na Sociedade Americana”, entregue no encontro anual da Associação Americana de Parques Zoológicos e Aquários em 1979, indica que as pessoas que freqüentam zoológicos sabem muito menos sobre animais do que estudantes, caçadores, pescadores e outros que mostram interesse em animais. Ainda mais perturbadores, os freqüentadores de zoológicos expressam o comum preconceito com animais: 73% dizem que não gosta de cobras cascavel, 52% de abutres e somente 4% de elefantes. A razão pela qual alguns zoológicos não fizeram um trabalho melhor ao educar pessoas é que eles não fazem esforço real pela educação. No caso de outros o problema é um público apático e desinteressado.

O estudo de Edward G. Ludwig no de 1981 em Buffalo, Nova York, no “International Journal for the Study of Animal Problems”, revelou um número surpreendente de insatisfação da quase completa indiferença do público frente ao esforço educativo do zoológico. Ludwig indicou que a maioria dos animais era vistos rapidamente enquanto as pessoas passavam rapidamente pelas jaulas. O frequentador de zoológicos típico para somente apreciar os filhotes, ou aqueles que estão implorando, comendo ou fazendo sons. Ludwig relatou que as expressões mais comuns para descrever os animais são: “fofinho”, “engraçado”, “preguiçoso”, “sujo”, “esquisito” e “estranho”.

É inegável que alguma educação acontece em alguns zoológicos. Mas este fato levanta outro assunto. O que queremos que as pessoas aprendam visitando zoológicos? Atitudes a respeito da sobrevivência das espécies em perigo? Compaixão pelo destino dos animais? A que nível a educação requer manter animais selvagens em cativeiro? Muitos benefícios educacionais dos zoológicos não poderiam ser obtidos através de filmes, palestras, e assim por diante? De fato, não poderiam muitos dos objetivos educacionais mais importantes ser alcançados ao exibir jaulas vazias com a explicação de por que elas estariam assim?

Uma terceira razão em ter zoológicos é que eles apóiam pesquisas. Este também é um benefício que foi apontado há muito tempo. Sir Humphrey Davy, um dos fundadores da sociedade Zoológica de Londres, escreveu em 1825: a Britânia ofereceria outra e diferente série de exibições para a população de sua metrópole; especificamente, animais trazidos de todas as partes da terra para serem mostrados mesmo com algum propósito útil ou como objetos de pesquisa científica – não somente por admiração! Zoológicos apóiam pesquisas científicas de pelo menos três maneiras: eles financiam pesquisas de campo para cientistas não filiados a zoológico; eles empregam outros cientistas como membros da equipe de zoológico; e eles fazem com que animais inacessíveis estejam disponíveis para estudo.

O primeiro ponto que deveríamos notar é que muitos poucos zoológicos apóiam pesquisas científicas reais. Ainda menos tem equipe de cientistas com tempo integral para pesquisa. Entre aqueles que têm, é comum os cientistas estudarem animais na selva mais do que em

coleções zoológicas. Muitas destas pesquisas, assim como os outros campos de pesquisas que são apoiados por zoológicos, poderiam somente ser fundadas de maneira diferente – por um órgão governamental. A questão se deveria haver zoológicos não vira para a fundação ou campos de pesquisa no qual zoológico geralmente apóiam. A importância da pesquisa que é realmente conduzida em zoológicos é uma consideração significativa.

Pesquisas feitas em zoológicos podem se dividir em pesquisa comportamental, anatômica e patológica.

Estudos comportamentais conduzidos em zoológicos podem ser muito controversos. Alguns argumentaram que não se pode aprender estudando animais em condições artificiais como no zoológico. Outras argumentam que animais no cativeiro são mais interessantes de serem estudados do que animais selvagens, desde que animais no cativeiro estão livres de predadores eles exibem um maior nível de particularidades físicas e comportamentais do que animais na selva, portanto permitindo que os pesquisadores vejam todo o nível de possibilidades genéticas. Ambas as posições estão extremamente corretas. Condições em alguns zoológicos são suficientemente naturais para possibilitar algumas pesquisas interessantes. Mas a afirmação de que animais em cativeiros são mais interessantes de serem pesquisados do que os animais na selva, não é muito plausível. O meio afeta o comportamento. Não há dúvidas de que a depredação do meio ambiente desencadeia comportamentos diferentes comparado com meio natural do animal, mas não há razão para acreditar que mais dados mais completos e corretos podem ser obtidos em ambientes livres de depredação do que habitat natural.

Estudos sobre anatomia e patologia são as formas mais comuns de pesquisa nos zoológicos. Tais pesquisas têm três propósitos principais: melhorar as condições do zoológico para que os animais vivam mais tempo, sejam mais felizes e procriem mais freqüentemente; para contribuir à saúde humana melhorando os modelos de animais para alimento dos humanos; e para aumentar nosso conhecimento sobre animais selvagens de nosso interesse.

O primeiro desses objetivos é certamente louvável se concedermos que os zoológicos devessem estar em primeiro lugar. Mas o fato é que

pesquisas em zoológicos que contribuam para melhorar suas condições não é uma razão para haver zoológico. Se não houvesse zoológicos, não haveria necessidade de melhorá-los.

O segundo objetivo, para contribuir com a saúde humana provendo modelos de animais para alimentação, parece justificar zoológicos, mas na prática, esta consideração não é tão importante assim. Em um artigo intitulado “ Uma pesquisa para Modelos de Animais Zoológicos”, publicada na ILAR News em 1982, Richard Montali e Mitchell Bush chegaram a seguinte conclusão:

Apesar do grande potencial de um zoológico como fonte para modelos, há muitas limitações e por necessidade algumas restrições para o uso. Há pouca oportunidade para conduzir um procedimento de pesquisa manipulativos ou invasivos, provavelmente menos do que seriam permitidos em uma pesquisa clínica envolvendo seres humanos. Muitas dessas espécies são difíceis para trabalhar ou são difíceis de se reproduzirem, então o número de animais disponíveis para o estudo é limitado. De fato é seguro dizer que através dos últimos anos, o humano tem “animais modelos” para as espécies de zoológico do que é verdadeiro dizer em uma reserva.

Por esta razão ou por outras, muito do que tem sido feito ao usar animais de zoológico como modelos para humanos parecem redundante ou trivial. Por exemplo, o artigo citado acima relata que os zoológicos fornecem bons modelos para serem estudados para medicamentos humanos, desde que isto é comum para animais de zoológico desenvolver veneno de tinta mascável e inalável que poluem o ar da cidade. Há muitos humanos disponíveis para o estudo que sofrem envenenamento induzidos pelas mesmas razões. Zoológicos tornam disponíveis algumas matérias não humanas adicionais para este tipo de pesquisa que não é importante e muito deplorável.

Finalmente, há o objetivo em obter conhecimento sobre animais de seu próprio interesse. Conhecimento é certamente algo que é bom e tudo sendo igual, deveríamos encorajar pessoas a pesquisarem por seus próprios interesses, mas nem tudo é igual neste caso. Há uma

pressuposição moral contra manter animais em cativeiro. Essa pressuposição pode ser superada somente ao demonstrar que benefícios importantes que devem ser obtidos desta maneira, se eles devem ser realmente obtidos. É claro que isto não é o caso de conhecer por seu próprio interesse. Há outros canais para nossa curiosidade intelectual, que não custam tal preço moral. Contudo, nossa questão de conhecimento para nós mesmos, é importante, mas não é importante o suficiente para superar a pressuposição moral contra manter animais em cativeiro.

Ao acessar a significância de pesquisa como uma razão em ter zoológicos, é importante lembrar que muitos poucos zoológicos fazem pesquisas significativas. Quaisquer benefícios que resultem de pesquisas de zoológico poderiam somente ser obtidas tendo somente alguns poucos zoológicos ao invés de milhares deles que existem agora. Quanto mais este argumento poderia estabelecer que estamos justificando em ter poucos bons zoológicos. Isto não fornece uma defesa da vasta maioria de zoológicos que existem agora.

A quarta razão para haverem zoológicos é que eles preservam espécies que estariam extintas. Como a destruição do habitat acelera e como os programas de reprodução tornam-se bem sucedidos, esta razão para zoológicos ganha polaridade. Há alguma razão para questionar o compromisso na preservação dos zoológicos: pode ser argumentado que eles continuam a tirar mais animais da vida selvagem do que devolvem. Ainda, os programas de reprodução dos zoológicos têm sido alguns notáveis sucessos: sem eles o veado Pere David, o cavalo selvagem da Mongólia e o bisão europeu estariam todos extintos agora. Recentemente, no entanto alguns problemas começam a ser notado.

Em um estado de Katherina Ralls em 1979, Kristin Brugger e Jonathan Ballou, que foi relatada na Science, convincentemente argumenta que a falta de diversidade genética entre os animais em cativeiro é um problema sério para os programas de reprodução nos zoológicos. Em algumas espécies o nível de mortalidade de filhotes entre animais consangüíneos é seis ou sete vezes do que entre os animais não consangüíneos. Em outras espécies o nível de mortalidade de filhotes consangüíneos é de 100%. O que é mais perturbador é que os curadores

de zoológicos não tem sido avisados sobre os problemas causados pela não procriação porque a procriação inadequada e os relatórios de saúde não têm sido mantidos. É difícil acreditar que os zoológicos são sérios em seu papel de preservação das espécies em perigo quanto com frequência eles não seguem sequer esses mínimos passos.

Além destes problemas a falta de diversidade genética entre os animais no cativeiro também significa que os membros das espécies em perigo que sobrevivem têm características muito diferentes comparadas a seu equivalente na vida selvagem. Isto deveria nos fazer pensar em o que está realmente sendo preservado nos zoológicos. Os cavalos selvagens da Mongólia são realmente cavalos selvagens Mongólia?

Há outro problema com o programa de reprodução dos zoológicos: eles criam muitos animais que não se quer. Em algumas espécies (leões, tigres e zebras, por exemplo) poucos machos podem servir um bando inteiro. Machos extras não são necessários para programa e são um gasto a mais. Alguns destes animais são vendidos e largados nas mãos de indivíduos e instituições com falta de recursos apropriados. Outros são mortos por caçadores de Great White em campos privados de caça. Para evitar estes problemas, alguns zoológicos têm considerado a proposta de “reciclar” animais em excesso: um eufemismo em matá-los e alimentar os outros animais com sua carne. Muitas pessoas se surpreendem quando ouvem que zoológicos matam animais. Zoológicos tem capacidade limitada e querem manter uma coleção diversificada. Isto pode ser feito somente com administração cuidadosa do “stoque”.

Até os programas de procriação transcorreram da melhor maneira possível, há limites para o que pode ser feito para salvar espécies em perigo. Dentre muitos mamíferos maiores, uma manada de pelo menos animais, metade deles nascidos em cativeiro, é exigido que eles sobrevivam em zoológicos. Somente oito espécies de mamíferos satisfizeram esta condição em 1971. Paul e Anne Ehrlich no livro *Extinction*, estimam que sob as melhores condições possíveis os zoológicos americanos poderiam preservar somente cerca de cem espécies de mamíferos e somente a um custo muito alto: manter uma manada de reprodução de herbívoros custa \$ 75,00 e \$250 por ano.

Há mais algumas questões que podem ser feitas sobre a preservação de espécies em perigo nos zoológicos. É realmente melhor confinar um infeliz gorila da montanha em um zoológico do que permitir que a espécie seja extinta? Para muitos ambientalistas a resposta é óbvia: a espécie deve ser preservada a qualquer custo. Mas isto vem a sacrificar o gorila menos importante pelo gorila mais importante. Fazendo isto, não estaremos usando os animais como meros vínculos por seus genes? Não estaremos preservando material genético ao custo dos próprios animais? Se for verdade que estamos inevitavelmente movendo a favor de um mundo em que os gorilas da montanha possam sobreviver somente em zoológico, então devemos nos perguntar se é melhor para eles viverem em ambientes artificiais ou não.

Mesmo se todas estas dificuldades forem negligenciadas, a importância de preservar espécies em perigo não prevê muito apoio para o sistema e existência dos zoológicos. A maioria dos zoológicos tem pouca reprodução ou os programas de reprodução são dirigidos somente com vantagens especiais que tenham sido estabelecidas para tal propósito. (Por exemplo, o zoológico do Bronx opera seu Centro de Sobrevivência de Animais Raros na Ilha de Santa Catherine longe da costa da Geórgia, e o Zoológico Nacional dirige seu Centro de Conservação e Pesquisa no Vale de Shenandoah na Virginia.) Se nossa preocupação principal é fazer o que podemos para preservar espécies em perigo, deveríamos sustentar tais centros de procriação em alta escala mais do que zoológicos convencionais, muitos destes não tem nem equipe nem vantagens para dirigir programas de reprodução de sucesso.

As quatro razões para ter zoológicos que examinei têm algum peso. Mas razões diferentes dão suporte para tipos diferentes de zoológicos. Preservação e pesquisa talvez são mais bem feitas em reservas de grande escala, mas isto dá poucas oportunidades para diversão e educação. Diversão e educação talvez sejam melhores supridas em zoológicos urbanos, mas eles oferecem poucas oportunidades para pesquisa e preservação. Além disso, quaisquer benefícios obtidos de qualquer tipo zoológico devem confrontar a suposição moral contra manter animais selvagens em cativeiro. Para que lado pende a balança? Há

duas considerações adiante que a meu ver, pendem a balança contra os zoológicos.

Primeiro, cativo não somente nega a liberdade mas também é frequentemente prejudicial para ele em outros aspectos. A história dos chimpanzés entra em um zoológico foi por volta de 1640, quando o príncipe holandês Henry de Nassau, obteve uma grande coleção de animais para seu castelo. Os chimpanzés não duram muito. Em 1835, o zoológico de Londres conseguiu o primeiro chimpanzé; ele morreu imediatamente. Em 1845, conseguiu outro; ele viveu seis meses. Entre o século XIX até o início do século XX, zoológicos tiveram chimpanzés que morreram depois de nove meses. Somente nos anos 30, foi descoberto que os chimpanzés são extremamente vulneráveis a doenças respiratórias humanas, e que devem ser tomadas medidas especiais para protegê-los. Mas perto de um século tirou eles da selva subalugando-os à morte. Hoje ainda persistem problemas. Quando chimpanzés são pegos da selva o processo comum é matar a mãe e capturar o filhote. A regra base entre os caçadores é que a cada dez chimpanzés apenas um é entregue vivo aos Estados Unidos ou Europa. Na chegada, muitos desses animais são confinados sob condições abismais.

Chimpanzés não são os únicos animais a sofrer em zoológicos. Em 1974, Petter Batten, ex-diretor dos Jardins Zoológicos de San José, encarregou-se de uma exaustiva pesquisa de duzentos zoológicos americanos. Em seu livro, *Living Trophies*, ele documentou um grande número de animais obesos e neuróticos mantidos presos e alimentados por comida sintética. Muitos têm patas deformadas causadas pela inadequada superfície do chão. Quase todos os estudos tiveram níveis de mortalidade excessivos, resultado de fatores de prevenção, variando de vandalismo as práticas de cuidado inadequadas. A conclusão de Batten foi: “a maioria dos zoológicos americanos é mal dirigido, sua direção é incompleta e o cuidado é inapto e em alguns casos inexistentes”.

Muitas destas mesmas condições e outras são documentadas em *Pathology of Zoo Animals*, uma revisão de necroses concluída por Lynn Grinner através dos últimos catorze anos zoológico de San Diego. Este zoológico pode muito bem ser o melhor no país, e sua equipe é certamente bem treinada e bem intencionada. Ainda assim, este estudo documenta



a grande má alimentação entre os animais do zoológico; altos níveis de mortalidade pelo uso de anestésicos e tranquilizantes; infanticídio e luta entre os animais, certamente causadas por condição de superpopulação de animais. Contudo, o zoológico aprendeu com seus erros, ainda é incapaz de manter muitos animais selvagens em cativeiro sem matar ou machucá-los, direta ou indiretamente. Se isto certamente é verdadeiro no zoológico de San Diego, e numa extensão maior é verdadeiro também em outros zoológicos.

A segunda consideração é mais difícil de discorrer sobre, mas é para mim, ainda mais importante. Zoológicos nos ensinam um falso senso do nosso lugar na ordem natural. Os meios de encarceramento marcam uma diferença entre humanos e animais. Eles estão lá para nosso prazer, para serem usados para nossos propósitos. Moralmente e talvez por nossa sobrevivência, é necessário que saibamos viver como uma espécie entre muitas outras do que uma espécie acima das outras. Fazendo isso, devemos esquecer do que aprendemos em zoológicos. Porque o que zoológicos nos ensinam é falso e perigoso, ambos humanos e animais estarão melhores quando zoológicos forem abolidos.